



Este texto está disponível no site *Shri Yoga Devi*, <http://www.yogadevi.org/>

SARASVATI, PARVATI, LAKSHMI

Rosane Volpato

A religião hindu tem no seu centro uma trindade de Deuses:

- Brahma (o Criador),
- Shiva (o Transformador) e,
- Vishnu (o Preservador).

Cada um deles tem como consorte uma companheira chamada Shakti.

Nos primórdios das tradições indianas, essas consortes eram vistas tão somente como emanções dos Deuses masculinos individuais; contudo, a partir do século V d.C., a Deusa começou a ser um importante arquétipo para a consciência indiana. Durante este período, as Shaktis se tornaram divindades muito importantes e conseguiram o direito de adoração. Com o tempo, adotaram qualidades e características associadas com um nível mais primal de culto da Deusa que remonta a muitos milênios nas tradições orientais.

BRAHMA-SARASVATI

Brahma tinha como consorte Sarasvati. Os Vedas listam Sarasvati como sendo originalmente uma divindade da água, a Deusa de um rio que corria a oeste do Himalaia. Posteriormente o seu poder aumentou. Ela passou a ser conhecida como a Deusa dos cânticos e dos discursos, a criadora do sânscrito e a descobridora da bebida sagrada, soma. Ela se tornou a força por trás de todos os fenômenos.

Sarasvati é representada como uma graciosa mulher com uma flauta, de pele branca, usando uma Lua Crescente em sua fronte; ela cavalga um cisne ou um pavão, ou senta-se numa flor de lótus. É a Deusa de todas as artes criativas, em especial da poesia e da música, do aprendizado e da ciência.

Sua forma tibetana pode ter dois, quatro ou seis braços. No Japão, onde é chamada Benzaiten ou Bente, ela é a encarnação da mulher ideal; a maioria de seus templos fica nas ilhas (o templo principal fica em Enoshima). Ela aparece montada em uma serpente e é a única divindade feminina entre os populares Sete Deuses da Boa Fortuna.



Besant Panchami, às vezes chamado Dawat Puja, é o Festival de Sarasvati na Índia. Esse festival tinha início com a limpeza de todos os potes de tinta e das penas. Em nossa era de computadores, devemos limpar completamente tais equipamentos. Na verdade, limpar toda a área da escrita, tirando o pó de todos os livros e organizando os papéis pessoais, faz parte dessa categoria.

Os hindus consideram todas as vidas como uma participação da harmonia cósmica. Consideram todas as ações como uma forma de culto divino; diz-se que é um culto interno. No culto externo, seus rituais consistem em sons, ritmos, gestos, flores, luzes, incenso e oferendas, tudo isso servindo como auxílio para guiar a mente o mais longe possível do material e o mais perto do espiritual. Ao culto individual dá-se nome de "puja". O ritual é considerado necessário para estabelecer e manter contato com uma divindade específica.

Brahma Mantra: OM HRIM BRAHMAYA NAMAH

SHIVA-PARVATI

Shiva é manifestado através de sua contraparte feminina, Shakti, nos fenômenos deste mundo, que desdobram-se em toda sua multiplicidade e são atraídos para dentro da divindade uma vez mais. Shakti, a mãe, torna-se Kali, a Destruidora, e Shiva leva seu mundo à destruição e anulação, como anteriormente o havia gerado.

Shiva é um Deus em que todos os opostos, morte e vida, bem e mal, luz e escuridão, se encontram e se reconciliam. Seu pescoço é azul, dado que ali ele contem o veneno azul da cobra

Vasuki, que teria destruído a humanidade se não a tivesse levado à boca, porém inclusive ele não se atreveu a engoli-la.

Shiva também se uniu a Parvati, que pode ser vista, num certo sentido, como o aspecto luminoso de Kali. Parvati, fundia-se com a Deusa Durga e é a Deusa do amor, do romance e da sexualidade. Ela é jovem, bonita e cheia de vida. Assim, ela representa a união com Shiva, uma representação da sublimação da distinção sexual.



Parvati é a mãe de Ganesh, o Deus com corpo humano e cabeça de elefante e Skanda, também conhecido como Kartikeya, o Deus da Guerra.

A lenda diz que Ganesh foi criado pela Deusa Parvati ao misturar o suor de seu belo corpo com poeira. À época de sua criação, Ganesh possuía uma face e as formas de qualquer outro dos Deuses. Quando Parvati terminou, ela indicou Ganesh como guarda dos portões de sua morada.

Ganesh assumiu seu dever com seriedade, e quando Parvati disse que não desejava ver ninguém, ele tentou afastar o Deus Shiva. Shiva não estava disposto a ser impedido de entrar e abriu o terceiro olho de sua frente, que arde como fogo de dez mil sóis, e queimou a cabeça de Ganesh. O povo Hindu ama Ganesh.

Parvati ficou bastante irritada e disse a Shiva que nada desejava com ele por causa das suas atitudes contra seu vassalo especial. Shiva cedeu e disse que Ganesh poderia ter a cabeça do primeiro animal que por ali passasse. Tal animal foi o elefante.

Filha do éter e do intelecto, Parvati era a regente dos elfos e dos espíritos da terra. Era considerada a personificação do Monte Himalaia, sendo diversificada em várias Deusas regionais ligadas às forças da terra, da natureza, da inteligência e da criatividade.

Parvati pode ser invocada para se aprender o equilíbrio entre o físico e o espiritual, buscar alegria, sabedoria e realização sexual, conectando, assim, seus múltiplos aspectos.

Shiva Gayatri Mantra:

MAHESAYA VIDMAHE

MAHADEVAYA DHIMAHI

TANNAHA SIVAHA PRACODAYATA

VISHNU-LAKSHMI

Vishnu, o último membro desta trindade, o preservador da ordem e da estabilidade no mundo, tinha Lakshmi como sua Shakti. Sri Lakshmi é representada segurando uma flor de lótus, ou sentada sobre ela segurando um cofre e derrubando moedas de suas mãos. Segundo a lenda, essa Deusa nasceu enquanto os deuses agitavam os mares de leite, e foi considerada uma das quatorze coisas preciosas que surgiram durante o processo. Ela estava completamente desenvolvida quando saiu do oceano. Todos os Deuses a desejavam como esposa, mas ela elegeu Vishnu.

Vishnu Gayatri Mantra:

OM NARAYANA VIDAMAHE

VASUDEVAYA DHI MAHI

TANNO VISHNU PRACODAYATA

Na Índia hindu, Shakti, a Deusa, é ativa, poderosa, considerada a força animadora do universo. O masculino é a força passiva, inerte, adormecida. Cada Shakti tem seu Deus ao qual se une no ato sexual. Sem união, nenhum dois dois pode fazer nada. Para os místicos tântricos, a união definitiva com Shakti acontece no momento da morte.

No Ocidente, raramente refletimos o quanto é necessário que todas as coisas devam gastar-se e deteriorar-se. Se a morte e a decadência não estivessem sido dotadas de poderes tão grandes como as forças da criação, nosso mundo inteiro teria agora alcançado o estado lamentável de estagnação e inteireza retratado num hipotético jardim-de-infância, onde o lado mau, negro e destrutivo da vida teria sido excluído. Se tudo permanecesse para sempre como foi primeiramente feito, todas as capacidades de "fazer" teriam sido exploradas há séculos. E, assim, inesperadamente, o excesso de bem cairia em seu oposto e torná-se-ia excesso de mal.

É relativamente fácil ver como a morte e a decadência podem ser necessárias no longo fluxo dos séculos. É mais difícil ainda admitir a verdade do princípio quando aplicado às nossas próprias atividades, e é mais difícil ainda entender o significado desse tipo de imortalidade quando aplicada às nossas vidas individuais neste mundo. Odiamos ver nosso trabalho morrer. Temos a tendência de nos identificarmos com nossa criação e sentimo-nos atacados quando qualquer coisa venha ameaçá-la. Mas é ainda mais difícil aceitar o fato de que nós próprios precisamos morrer, e estamos aptos a sentir que uma promessa de imortalidade que leve consigo uma necessidade de morte não é mais do que uma caricatura e zombaria.

É difícil conscientizar que a importância de um trabalho não está incluída no valor do produto acabado, mas no desenvolvimento psicológico que foi conseguido enquanto gradualmente tornou-se uma entidade real, a qual anteriormente não tinha nenhuma existência, e cuja concepção e nascimento surgiram das profundezas do psique. Raramente nos ocorre que nossa vida, pessoal e consciente, é a própria criação, ou seja é o trabalho de algum "criador(a)", psíquico, ator(a),

produtor(a), ou como quer que o chamemos, que está funcionando de maneira desconhecida em algum lugar escondido de nosso ser. Certamente, era a essa verdade que São Paulo se referia quando disse: "Não sou eu que vivo, mas Cristo é que vive em mim." Um sentido similar de "estar vivo" tem sido a experiência não somente de religiosos, mas de muitos outros homens, que afirmam a sensação interior de serem dirigidos por uma voz, uma presença interior, que controla suas ações e vive através delas, subordinando suas vidas e interesses pessoais a essas reivindicações superiores.

Nossos trabalhos podem morrer, enquanto continuamos a viver, transformados pelo fato de haver criado. Não é possível que isso seja uma parábola, sugerindo uma verdade mais importante? O Ego, a personalidade consciente, morre, mas não sabemos e não podemos nem mesmo supor o que acontece como o "executor(a)", o "criador(a)", por trás da cena.

Texto pesquisado e desenvolvido por

Rosane Volpato

GLOSSÁRIO:

*Brahma: O Deus que criou esse universo. (Na cosmologia hindu, também existem outros universos)

*Kali: A forma ameaçadora da Deusa.

*Mantra: Palavras ou sons sagrados. Diz-se que meditar com um mantra leva a pessoa aos estados superiores da consciência.

*Parvati: Literalmente, "filha da montanha". A bondosa Deusa de tez escura cujo cônjuge é Shiva e cujos filhos são Ganesha (removedor de obstáculos), a divindade com cabeça de elefante, e Skanda (Deus Guerreiro).

*Sarasvati: Deusa da sabedoria e das artes.

*Shakti: Energia espiritual. A suprema força consciente: a Deusa.

*Shiva: Deus da destruição/transformação. Também um nome masculino para a consciência divina, em contraposição a Shakti.

*Vishnu: Deus que controla a manutenção do universo.

Texto disponível em:

<http://www.rosanevolpato.trd.br/deusasbudistas.html>